

# De um diário velho, PREAMBULAR DE OUTRO

por João Falco

As minhas conversas com M. são brigas, meias brigas. Eu sinto que me precipito sobre as suas afirmações, e êle considera preconceituosas e inúteis, suponho, as minhas noções da vida.

Mas eu brigando e apodando-o de cerebral, de desnaturalizador, de caricaturista dos homens, vou tentando entender a sua verdade. Para mim êle tem uma verdade... os limites dêle é que me escapam.

Tôda a discussão amarga. Discutimos, aprendendo, mas com remordimento, dôr, violência... Quantas coisas cruas, quantos sentimentos aflitivos despertam em nós! M. não se deve aperceber do que se passa em mim; julga-me só cabeçuda, teimosa; ainda bem! Ontem desenca-deei-lhe uma tempestade risonha, mas áspera, e não perfeitamente justa, definida, certa, contra a nossa educação. Quanto a êle, somos: cortezes e desleais, impetuosos e servis; não temos independência moral, nada em nós é realmente sincero nem desassombrado. A nossa condição é a fraqueza e a ignorância, de que não saímos; todos cultivamos esta triste condição, uns com inconsciência, outros perversamente e com cálculo. A mulher, entre nós, é a serva sem uma revolta, e o homem infalivelmente o adulaçor e o cortezão.

Eu ouvia M. sem lhe poder dar completa razão, porque conhecia figuras a quem a sua carapuça se não ajustava, mas não deixava de vislumbrar verdade e faro no seu conceito geral da nossa sociedade. A sua lente de bem ver exagerará, mas vê... Só me parece, apesar de tudo, que a virtude ou a pequena qualidade moral o desinteressa, lhe passa despercebida...

//

Está uma manhã divina, e começa o ano. Tenho apontado em papéis soltos vários temas sentimentais; papéis que por fim chego a deixar de entender. Anoto a sensação, que não contendo, mas tão abreviadamente... que o tempo passa e a não decifro já, nem recomponho!

Todo o nosso mal, impaciência e ambição, temores, e o mais, apertado em palavras de queixa, tão escassas, gemidas ou inexplicadas, forçadamente se há-de tornar incompreensível. Mas não é isto só! O mal vai-se difundindo em nós, deixando de ter verdadeiro nome. Ultrapassa a miséria de um dia e monotona-se. Existe, basta ter tido existência para se não extinguir totalmente, mas soterra-se.

Todos os desconfortos passam da consciência para a sub-consciência, dizem os psicanalistas, que localizam as emoções pela sua intensidade.

Mas as explicações não nos consolam de nada! E' infantil pensar que o mal se debela com o seu conhecimento. O tempo amortece-o, sim, e nada mais.

//

Estimar? Mas como estimar os que para nós posam? os que se não dominam e nos pretendem, a final, suplantam?

Presentimos os seus pequenos movimentos interiores e não nos escapam os exteriores. Que é a simpatia e a franqueza? E' falar, ventilar generalidades? Não. E' saber oferecer o coração...

Uns me falam da sua felicidade, outros da sua tranqüillidade, outros da sua independência. Todos tão experimentados! E admirando-se sempre da minha fraqueza. Faticantes!

Voltemo-nos para os nossos, os inquietos. Esses não nos acabrunham com os seus bens, nem extremam os seus caminhos dos nossos. Façamo-nos de pedra às caricias dos outros, de que até nos tornam espectadores, e às suas afirmações, que nos não interessam. Retiremo-lhes o prazer de se sentirem fortes e defendidos em face da nossa desregra e da nossa carência. E continuemos a busca infrutífera... do bom, do calmo e do generoso. Ou não! Para quê correr atrás dos bens alheios? Ah! Sobre tudo não nos deixemos infelicitar nem rebaixar mais!

Não nos entendem? Paciência! O mundo é deles e não nosso? Ainda paciência... Ouçamo-los a rir, e felicitemo-los. Tremer, ser descontente... modo de viver também! Ajusta-se-lhe um equilíbrio mais difícil, intermitente em excesso; mas afinal possível, exequível...

Passe, passe esta onda de amargura, e este despeito! corra este fel!

Este coração nada tem e nada pede, deixem-no!

//

Devia escrever sobre os presos! Sinto-me sempre irmanada com êles. Sou uma reclusa, tenho a vida e o espirito de uma reclusa. Os presos, enquanto não embrutecem há-de chorar... eu choro também, infinitas vezes, de desconforto! Os meus dias passam, precipitam-se como se corressem para a noite, sem regalo e sem utilidade. Acabam à pressa, estrangulados. Liquidam-

se um a um, sem espécie de doçura. Até onde irá isto? Para mim o dia já não é tempo, é uma passagem apertada de que vou saindo repetidas vezes.

Tudo me falta, e sobretudo gôsto, gôsto, interesse! Chego a fugir do que desejo... a repelir o que estimo. A pretender empobrecer-me cada vez mais! E o tempo, inexorável e monótono, vai passando sem remédio, passando sem nada nos ensinar, esvasiando-nos!

Visitei durante não sei quantos dias uma prisão enorme, modelar, da Bélgica. O director, homem sério e afável, deu-me respeitabilíssimas informações sobre a organização e o regulamento do seu instituto e ainda me franqueou leituras científicas sobre a enclausuração. Lá, compulsei dossiers, visitei os escaninhos da casa.

E tudo me pareceu curioso, nítido, e confrangedor... Limpo, calmo, até suave, mas confrangedor... O casarão imenso cheio de gente silenciosa, quási invisível. A incomunicação... a incomunicação... Tabiques delgados, mas opacos como muralhas, na igreja, no anfiteatro das conferências, no pátio de passeio dos reclusos, nas casas de trabalho. Um preso não via outro preso, nem lhe falava, salvo em raras ocasiões. E no entanto a sua cela não era inviolada! tinha um ralo para o olho do vigia. O preso não pode, afinal, ser livre, é de quem o tem preso!

Mas que dô profundo tive do triste ser humano, tão tenazmente assistido de atenções, tão inexoravelmente corrigido... Vigiado e excluído do mundo, isolado! O seu pobre espirito como se há-de ir reduzindo e apoucando, falto de agitação e de necessidades, de paixões!

Impressionam-me também os presos que se vêem às grades das nossas prisões da província. Mas o dô que me inspiram é muito mais superficial. Considero-os da boémia prisional, brutos e pacientes, como animais encurralados, mas senhores ainda das vistas de uma rua ou de uma praça.

E eu, eu que sou? Não sou uma prisioneira da liberdade? Abro a janela, como há pouco, e êste céu do cair da tarde parece que me enche a casa. Tenho o céu, e até todos os becos e ruas da cidade para me espanejar! mas não tenho nada, sinto-me miserável... Olho para êste céu com olhos desanimados! Que prazer verdadeiro tiro eu dos

(Volte)